



INOVADORES:
CINCO CONCORREM

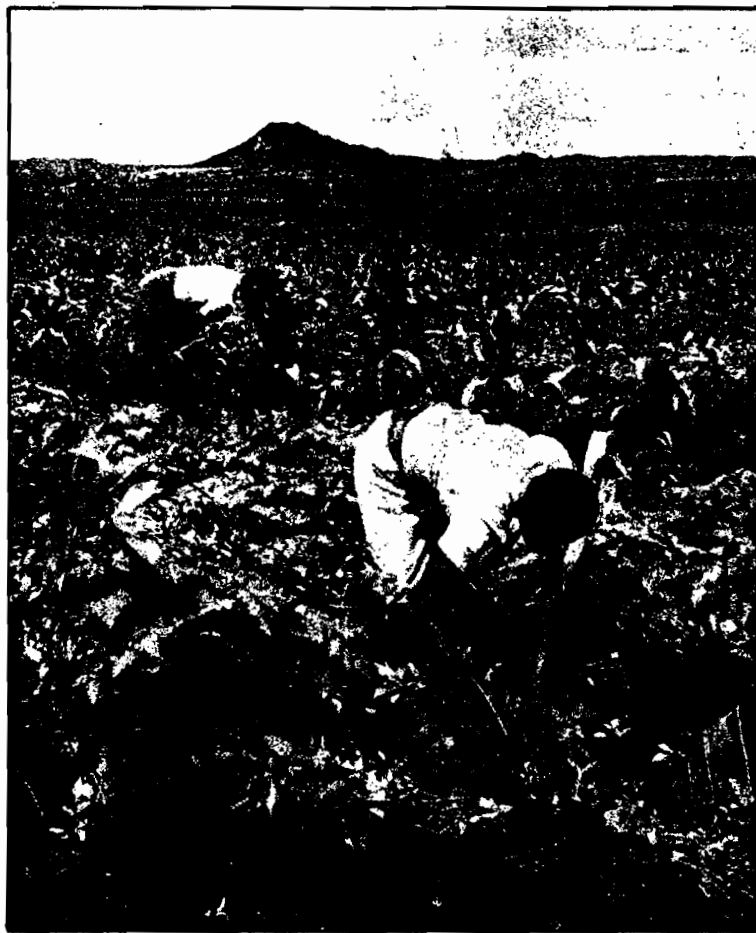


CAIA

“Praga” no celeiro de milho

de António Manuel
e António Nave

O Complexo Agro-Industrial de Angónia (CAIA), celeiro da zona Centro do país, atravessa actualmente a fase mais crítica da sua história. Causa e consequência do estado em que esta unidade navega, a inexistência de uma direcção coesa e operativa na extensa frente constituída pelas Unidades de Produção e seus blocos.



Sector familiar: o seu concurso garante o uso de imensas parcelas que doutro modo o complexo deixaria ao capim



Batata: a segunda maior cultura do CAIA

Hoje com cerca de dez mil hectares de área total, o CAIA resultou da intervenção, em 1976, de um grupo de machambas agrupadas sob o nome de Casa Agrícola de Angónia cujo proprietário, um tal Hermínio Rodrigues, tinha abandonado.

Designado, na altura do intervencionamento, por UPA-Unidade de Produção de Angónia — a influência do CAIA foi-se estendendo gradualmente a outras áreas agrícolas dispersas pelo distrito e igualmente votadas ao capim pelos ex-proprietários, como forma de garantir a continuidade da sua utilização.

Resultado desta política, entre outros, o facto de que os inúmeros blocos agrícolas em que se dividem as suas três Unidades de Produção — Moniqueira, Matiasa e Domué — se encontram dispersas inconsequentemente, um pouco por todo o distrito de Angónia.

Segundo o substituto da Direc-

ção desta unidade, o CAIA está vocacionado essencialmente ao cultivo de milho e batata, com os quais se abastecem as províncias de Tete e restantes da zona Centro do país. Fora isto, contudo, o CAIA diversifica ainda o uso das machambas com a fruticultura — maçãs, pêssegos e ameixas — e ainda com culturas experimentais de hortícolas, soja, trigo e girassol, «que se têm dado muito bem».

Muito bem se tem dado, igualmente, a cultura da vinha que, introduzida no CAIA num passado recente, alimenta, segundo o substituto da direcção, fundadas esperanças de aqui se vir a desenvolver uma indústria vinícola de dimensões que poderão encorajar o alargamento da experiência a outras regiões.

DE PÉ ATRÁS

Todo este quadro, porém, pressuporia um Complexo Agro-Indus-

trial em que os problemas a ultrapassar fossem apenas os decorrentes dum normal processo de produção, consequência natural, por inevitável, de uma máquina em funcionamento.

A prática do CAIA, contudo, ao longo de quase toda a sua história, tem sido bem diferente.

Já pela própria característica da demarcação da área que hoje é ocupada pelas suas terras, este complexo apresenta-se como uma unidade cuja gestão correcta implicaria a mobilização de consideráveis recursos humanos e de maquinaria.

Em referência a este aspecto, o substituto da direcção recorda que a necessidade imposta, na criação do CAIA, de garantir a utilização das machambas que iam sendo progressivamente abandonadas pelos donos, resulta, actualmente, numa grande dispersão na localização dos blocos. Por outro lado, resultou desta situação intermédia



num sítio escolhido pelo interessado».

Isto mesmo, porém, obedece a um ritmo bastante lento e irregular, reconhecida a incapacidade do complexo em dar utilização efectiva às terras de que dispõe.

FACTOS E FACTORES

Actualmente, este problema vem-se a juntar ao avolumar permanente de outros. Num dos blocos que compõem a UP de Matiasa, na primeira quinzena do passado mês de Fevereiro, seis — dos vinte e nove — tractores, ainda operacionais, encontravam-se imobilizados por falta de combustível, cuja chegada se aguardava há já uma semana.

O panorama, afinal, é comum a outros blocos e tem o seu espelho na apresentação da sede do complexo, em Metangobalame. «As nossas dificuldades» refere o substituto da direcção «vão desde a falta de combustível, de adubos, a equipamentos e vias de acesso».

O resultado mais eloquente desta situação patenteia-se no facto de que, para a campanha em curso,



de abandono a ocupação de grande parte destas parcelas pelos camponeses das zonas vizinhas, cuja remoção se tem revelado uma operação delicada.

A solução adoptada tem, assim, consistido, «nalguns locais, na celebração de acordos com os camponeses. Segundo este, os camponeses comprometem-se a abandonar as machambas a troco de o CAIA ir lavrar uma outra, aberta

A fábrica de moinhos do CAIA, longo tempo parada, assume grande importância na vida das populações, sem outro meio eficaz de moer o milho

a área de cultivo de milho e batata, contra a pretensão que existia de ser aumentada, foi consideravelmente reduzida. Outra não seria a saída, visto que mesmo o milho semeado em Dezembro está a disputar espaço com o capim, «por falta de mão-de-obra».

Tremendamente atingidos pelos desentendimentos intestinais que se começaram a manifestar no decurso do ano passado no seio da direcção, e que viriam a resultar na sua suspensão, larga percentagem dos trabalhadores braçais do complexo têm vindo a abandonar



Enquanto nas UPs a batata apodrece às toneladas, por falta de escoamento na cidade a população aguarda

A OUTRA VOCAÇÃO

De passagem por um dos diversos blocos da Unidade de Produção da Moniqueira, «surpreendemos» uma gorda manada de gado bovino. Habitados já à paisagem saturada de verde que encobre as encostas e vales porque se espalha Angónia, só interrompida pelas aldeias, a inusitada aparição seria explicada mais tarde pelo substituto da direcção do CAIA:

Dependo sobre o facto de este complexo, ao longo dos seus cerca de sete anos de existência, ainda se não ter abalançado para a sua vocação

industrial — como sugere o nome — a nossa fonte começaria por referir que, neste momento, o incremento está orientado para a pecuária «com cerca de mil cabeças de gado bovino e criação de pequenas espécies».

Mais que o gado (de corte) o embrião da industrialização poderá situar-se, porém, na existência de uma fábrica de moinhos para fornecimento a particulares interessados na exploração de moagens. A importância que esta unidade tem, para o CAIA e a harmonia económica do distrito, avalla-se facilmente pelas frequentes e bem povoadas bichas de camponeses que pacientemente aguardam a vez de moer o seu milho, comuns na paisagem de Angónia.

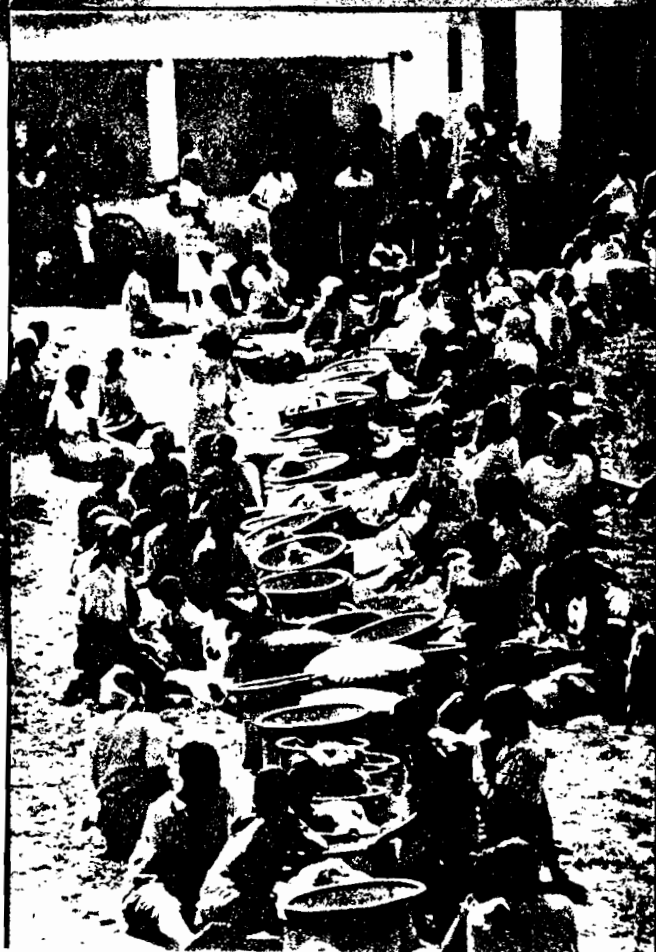
Em tempo de produção, e segundo informação de Títo Alfredo Macanga, responsável fabril, a fábrica tem capacidade de produção de trinta moinhos anuais, o que «não chega a satisfazer a procura». Se se tiver em conta que cada moinho está orçado em quarenta mil meticais, compreender-se-á a preocupação que tem acompanhado a sua paralisação, desde finais do ano passado.

A avaria, provocada por sobrecarga do gerador, mobilizava, até finais de Fevereiro, o esforço de recuperação feito por uma dupla de técnicos da Agro-Alfa, enviada de Maputo. Contactada, esta asseguraria que «a entrada em funcionamento está para breve».

Significativamente, o substituto da direcção do CAIA referia-se a esta unidade como podendo constituir um ponto firme para o início e desenvolvimento dos passos a dar para a industrialização.

Como é evidente, o processo teria que passar pelo redimensionamento da fábrica, implicando igualmente um fornecimento mais regular da energia eléctrica no que se pensaria em Cahora-Bassa.

F. MANUEL



A FRENTE POLÍTICA

Sábado, dia 12 de Fevereiro passado, os delegados à Conferência da Sede Distrital tinham-se visto na contingência de interromper os trabalhos, perante a insistência cega da chuva.

E a chuva manteve-se, fininha, todo o fim-de-semana, fertilizando a terra e transformando qualquer caminhada, curta que fosse, num penoso arrastar de pés pelo barro esponjoso, até terça-feira.

Pedro Rafael, Secretário e Administrador do distrito de Angónia, não deixa de manifestar a ambivalência dos seus sentimentos quanto a esta chuva: se por um lado configura riqueza, por outro «reflectiu-se no atraso em relação às nossas tarefas, aos nossos prazos».

Foram atrasos cujas implicações, a estas alturas, constarão apenas do imenso movimento que se tem vindo a multiplicar, país fora, no que é a iniciativa consciente para a resolução das questões.

Dia 20 de Fevereiro, realizava-se a última das Conferências de localidade das 17 que se levaram

a bom termo — «por questões de tempo e acesso, foram impraticáveis duas localidades». A Conferência Distrital estava para daí a mais uns dias.

«A acrescer ao problema das chuvas, esclarece Pedro Rafael, enfrentamos grandes dificuldades motivadas pela falta de viaturas e combustível». A solução foram as bicicletas, foi o percorrer das distâncias a pé, com pernoita pelo caminho e abastecimento garantido pelos camponeses.

O resultado está em que os delegados eleitos à Conferência Provincial, levarão na boca as preocupações e realizações dos que têm em Angónia a sua vida, os seus lares, as suas machambas.

«As populações, disse Pedro Rafael, levantaram problemas de abastecimento, sugeriram formas de controlo dos comerciantes, manifestaram-se contra a candonga. Comprometeram-se a aumentar a produção e solicitaram apoio em sementes, até de produtos que aqui não tinham tradição de cultivo — mandioca, feijão e hortícolas».

Uma cooperativa de produção projectou a abertura de mais uma área de cerca de três hectares para milho, enquanto os postos de Saúde enriquecem a paisagem das comunidades, um pouco por todo o lado.

Nas áreas de mais difícil acesso, a atenção virou-se para a construção de armazéns — treze ao todo, com capacidade unitária de quatrocentas toneladas.

Na sede distrital, o exemplo do hospital local, que ajardinou seus pátios, pegou rastilho e ganhou inovações em cada local: «além de ajardinar, plantamos árvores de sombra e fruto, cedros e pinheiros para nos fornecer madeira».

F. MANUEL

Pedro Rafael,
Secretário
Distrital
de Angónia



a empresa pois, como nos afirmou um camponês «é preferível trabalhar em machamba própria».

Actualmente, os efeitos da ausência de direcção no CAIA ameaçam poder vir a constituir uma brecha cuja reparação será bastante cara.

Prudentemente, o substituto da direcção esquivou-se à referência da origem e desenvolvimento do que viria a resultar na paralisação

da direcção. Qualquer observação, contudo, ao aspecto de abandono dos campos, à lentidão e desinteresse do ritmo de trabalho a ao exercício de direcção nas UPs, é por demais elucidativa.

Fora isto, está o testemunho dos próprios trabalhadores que, na fase mais crítica, assistiram seus dirigentes sujeitos, «de castigo», a varrer e limpar a casa do director-

-adjunto, enquanto o director-geral se encontrava suspenso.

Esclarecida hoje a questão, resta o trabalho maior de pôr novamente a máquina em funcionamento.

Enquanto isso, adormecem os projectos de aumento da área de cultivo, da utilização possível da energia de Cahora-Bassa «que só nos traria vantagem» — e da construção de bairros comunais para segurar a fugidia mão-de-obra. □